

Artigos Originais

A COMPREENSÃO DE VALOR ESTUDADA POR CARCANHOLO E SUA RELAÇÃO COM A ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA POLÍTICA SOCIAL *

Original Articles

UNDERSTANDING VALUE PER CARCANHOLO STUDIED AND ITS RELATION TO PROFESSIONAL PRACTICE OF SOCIAL POLICY

Lucas Arcanjo Cassini**

<http://lattes.cnpq.br/8161276623612302>



CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ., Franca, SP, Brasil -
eISSN 2175-4217 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)   

RESUMO

Este artigo discute compreensão de valor estudada por Carcanholo e sua relação com a atuação dos profissionais da Política Social. Tendo uma abordagem marxista, a estrutura teórica baseia-se em estudos de Carcanholo, em que esse autor procura mostrar, a partir de uma perspectiva dialética da realidade, como os conceitos de essência e aparência se manifestam nas variadas formas de exploração capitalista e na desmistificação das formas exploração.

Palavras-chave: dialética. capitalismo. política social.

ABSTRACT

This article discusses the comprehension of value studied by Carcanholo and its relation to the professional action of Social Policy. With a Marxist approach, the theoretical framework is based on Carcanholo studies, in which this author tries to show, from a dialectical perspective of reality, how the concepts of essence and appearance are manifested in different ways of capitalist exploitation and the demystification of types of exploitation.

Keywords: dialectic. capitalism. Social policy.

* Artigo produzido a partir das discussões na disciplina “Capitalismo e Sociedade”, ministrada pelo Prof. Dr. Reinaldo A. Carcanholo, do programa de pós-graduação em Política Social, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) - <<http://carcanholo.sites.uol.com.br>>.

** Mestre em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG).

INTRODUÇÃO

Tentaremos propor neste artigo uma breve discussão acerca da compreensão de valor estudada por Reinaldo Antonio Carcanholo, tecendo uma relação com a atuação dos profissionais da Política Social diante das intervenções na realidade social, principalmente com a classe trabalhadora, no intuito de possibilitar um pensamento crítico diante das variadas formas de exploração capitalista.

Para tanto, iniciaremos uma breve discussão acerca do valor na perspectiva de Carcanholo e, num percurso limitado, mas, ao menos, compreensivo, trataremos dialeticamente os conceitos de essência e aparência em dois aspectos: primeiro, de pensar esses conceitos no capitalismo, ou melhor, nas formas de exploração capitalista; segundo, a apreensão desses conceitos pelos profissionais da Política Social para um posicionamento crítico e desmistificador frente a esse sistema.

Carcanholo (1982), como veremos adiante, apresenta-nos a ideia de valor enquanto algo que permite alguma coisa ter o valor-de-troca, isto é, o poder que as mercadorias têm. Por certo, quem dá o poder de valor é a sociedade. Nesse sentido, segundo esse autor, valor é a expressão da relação social na coisa.

Nessa discussão é interessante perceber que a visão dialética nos remete a ultrapassar a observação meramente aparente rumo à essência dos fenômenos. Não há, portanto, como desvincular a discussão “valor” com o pensar dialético.¹

E qual a relação do exposto acima com a atuação dos profissionais da Política Social? Uma tomada de consciência que, de certa forma, desconstrói o processo de alienação apresentado pela realidade capitalista. Realidade que se dá como veremos, a partir da exploração e a alienação do trabalhador pelo sistema capitalista de produção.

Destarte, os profissionais da Política Social, mais do que uma crítica às formas de exploração e à miséria provocada pelo sistema capitalista de produção, perceberão também, que esse sistema é, por certo, desumano, no sentido de “coisificar” as relações humanas tornando-as mercadorias que se vendem e se

¹ De forma análoga — porém, em se tratando de método —, para Behring e Boschetti (2007, p. 36) “[...] o método crítico-dialético traz uma solução complexa e inovadora do ponto de vista relacional do sujeito-objeto: uma perspectiva relacional, que foge ao empirismo positivista e funcionalista e ao idealismo culturalista.”

trocam (força de trabalho) e, ao mesmo tempo, alienante, uma vez que o homem nesse processo distancia-se do produto do seu trabalho, não se reconhecendo nem se refazendo no produto do seu trabalho. No mais, esse produto — como é próprio da alienação —, torna-se estranho para seu criador; tem-se “vida própria” e escraviza o próprio homem.

Desse modo, Carcanholo (1993, p. 9) nos lembra que:

[...] a existência da mercadoria-fetice não deriva da simples atitude humana frente às coisas; não se trata de um mero ato subjetivo de cada um dos seres humanos. Muito menos se trata de uma falsa aparência, fruto de um erro de observação. O fetichismo é real, embora fantasmagórico. O fetiche é indispensável para o funcionamento da própria sociedade capitalista em que vivemos. Ela não está organizada de maneira que seu funcionamento, no dia-a-dia, se faça de forma consciente. A distribuição de cada um dos indivíduos nas inúmeras funções produtivas sociais, a repartição entre eles da riqueza produzida não se estabelecem a partir de uma decisão coletiva, prévia e consciente. Cada indivíduo, pensando no seu próprio interesse, aparece desenvolvendo suas atividades econômicas de maneira autônoma, e o resultado global surge como se fosse automaticamente. Cada indivíduo, na verdade, atua conduzido pela lógica do fetiche. O fetichismo é o fundamento necessário para o funcionamento da sociedade mercantil e também da capitalista.

E prossegue:

O fetichismo é mecanismo regulador das relações sociais na sociedade capitalista; permite o funcionamento e a regulação indireta do processo de produção, da distribuição e da apropriação por meio do mercado [...] (CARCANHOLO, 1993, p. 10).

Esse processo de mistificação advindo da ideologia capitalista além de ocultar as formas de exploração, cria uma sensação de não restar outro caminho alternativo, ou seja, outro rumo além do capitalismo. Essa observação a partir do ato individual isolado (que também faz parte do real) somente será desmistificado tomando consciência dos processos produtivos, pensado a partir de uma perspectiva da totalidade, isso é, observando esses processos de forma global, analisando o “antes” e o “depois” das relações inseridas nesse processo. Não é um pensamento fácil e de simples compreensão, mas é algo que merece atenção e desprendimento do senso comum.

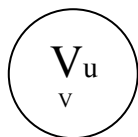
1 A CATEGORIA VALOR: UM OLHAR DIALÉTICO

1.1 O que é valor?

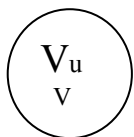
Segundo Carcanholo (1993, p. 10), “[...] o valor é uma qualidade entregue às coisas pela sociedade. Não por qualquer sociedade, mas, exclusivamente, pela sociedade mercantil. [...] O valor é uma qualidade social e histórica das coisas.” Com efeito, valor é um poder. O valor é imperceptível na mercadoria, mas que se manifesta por meio do valor-de-troca². Em outros termos “[...] o valor não tem materialidade física, mas ao mesmo tempo, não é uma simples ideia, um simples pensamento. O valor é real e tem materialidade, só que materialidade social e histórica.” (CARCANHOLO, 1993, p. 10).

Interessante observar que o valor-de-troca — manifestação do valor, abordado anteriormente —, passa por uma transformação como é próprio de um processo³. Nas sociedades pré-mercantis onde se estabeleciam a troca dos produtos, o valor-de-uso correspondia aos interesses ligados na aquisição de um produto pela necessidade em consumi-lo. Por sua vez, na sociedade mercantil capitalista, o valor de uma mercadoria não, necessariamente, está vinculado ao seu valor-de-uso, ou seja, da necessidade de se obter tal mercadoria para consumo, mas principalmente em usá-la como troca ou como acúmulo de capital.

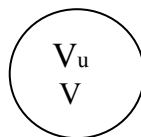
Tendo como referência os estudos de Carcanholo (1993), tomamos como exemplo o esquema abaixo:



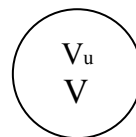
forma simples



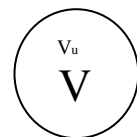
forma total



forma geral



forma dinheiro



capitalismo atual

A ilustração acima nos oferece uma ideia de como o “valor” (V) em detrimento do “valor-de-uso” (v_u) vai se sobrepondo, passando do pólo dominado (forma simples e forma total) ao pólo dominante (a partir da forma geral).

² “[...] Como o valor-de-troca não é senão a expressão fenomênica do valor, suas características só podem ser expressões das propriedades inerentes ao próprio valor.” (CARCANHOLO, 1993, p. 13).

³ O que corrobora o aspecto já citado anteriormente de que o valor é uma qualidade histórica e social. Manifesta-se de diferentes maneiras de acordo com a sociedade da qual faz parte.

Com efeito, na sociedade capitalista, o valor-de-uso quase é imperceptível diante da atratividade momentânea ou puramente por *status* de um objeto qualquer de consumo. Outro aspecto a ser lembrado é que na sociedade capitalista, o Valor — além de manter sua existência como valor —, transforma-se em capital, sendo este, o valor que se auto-valoriza produzindo mais-valia (CARCANHOLO, 1982).

A riqueza consiste na unidade dialética valor/valor-de-uso, sendo, o *valor*, como a forma social e histórica, e o *valor-de-uso*, o conteúdo material da riqueza. Por sua vez, a riqueza capitalista está constituída pela mercadoria tendo, em qualquer época histórica como dimensão material, o valor-de-uso (CARCANHOLO, 1993).

As vitrines vendem ilusões e as pessoas “alienadas” incorporam a cultura do consumo. E o consumo, na sua maioria de bens supérfluos, se dá pelo simples prazer em consumir ou de “*estar na moda*” garantindo um *status*.

Sob o prisma do senso comum, podemos até comparar o valor-de-uso de uma mercadoria ao “preço” dessa mesma mercadoria obtido no mercado. Quanto mais “caro” ou “exótico” o produto, mais importante ele se torna para os olhos do consumidor, daí que seu preço tende a se tornar elevado. Contudo, lembramos, aqui, que “preço” é a manifestação do valor, embora, não necessariamente, o preço equivale ao valor.

Carcanholo (1993) evidencia que preço e valor são conceitos com diferentes qualidades, de diferentes dimensões. O preço se mede em unidades monetárias e o valor em horas de trabalho. Embora encontremos uma inadequação no preço para expressar a verdadeira magnitude ou grandeza do valor é possível, em situações absolutamente casuais, encontrar no mercado, uma perfeita proporcionalidade preço/valor.

Retomando o método de Marx, Carcanholo (1993), parte de uma observação da realidade, isto é, a aparência como expressão da realidade. Essa observação, no *primeiro momento*, proporciona a descrição dos fenômenos. Por sua vez, no *segundo momento*, com um olhar dialético, procura-se entender a essência, ou seja, o que está por trás da aparência (a realidade como é manifestada) e que de alguma forma é responsável pelo movimento da aparência.

No *terceiro momento*, a partir dos recursos da abstração, volta-se novamente à aparência a fim de entendê-la e revelar seus reais propósitos.

Lembramos aqui, que a aparência é tão real quanto a essência e é preciso estar atento a essas duas dimensões da realidade.

O olhar dialético, conforme exposto anteriormente, possibilita-nos entender essas duas dimensões da realidade — aparência e essência —, proporcionando desmistificar a exploração capitalista.

Vejamos um exemplo:

As empresas defendendo os seus lucros, dizem que eles (os lucros) ora provêm da soma do capital constante (as máquinas e os equipamentos em geral) mais o capital variável (o pagamento em salários), igualando duas coisas bem diferentes; como também, dizem que o lucro provém do “espírito empreendedor” e da sagacidade do empresário (embora na aparência isso aconteça, ou seja, é real). Mas apenas isso não justifica o lucro, ou seja, daquilo que argumenta o capitalista, a saber, que o lucro provém de um poder de venda e não da exploração do trabalhador. Porém, o olhar do ponto de vista da totalidade vai desvendar tal mistério ou pelo menos, se aproximar do real.

Na relação entre aparência e essência, Carcanholo (2001, p. 2), evidencia que,

[...] a essência deve ser vista como tendo uma superioridade sobre a aparência e talvez por duas razões básicas. Em primeiro lugar porque só ela é capaz de permitir a lógica e estruturada compreensão sobre os nexos mais íntimos da realidade, possibilitando prever as potencialidades do seu desenvolvimento, dos seus destinos possíveis. Em segundo, porque, a partir dela, com os instrumentos que fornece é possível entender todas as características da aparência, além de explicar a razão pela qual a aparência deve ser necessariamente como é. Em certo sentido, a essência contém dentro de si a própria aparência.

Passemos, agora, a outro ponto de nossa discussão.

1.2 A mais-valia

Transpondo a reflexão até aqui mencionada à ideologia capitalista, podemos afirmar que o capitalista se interessa na mais-valia obtida pelo trabalho excedente. Mas, ao comprar máquinas e cada vez mais empregá-las no processo produtivo em substituição da força de trabalho humana, o capitalista não realiza uma contradição, uma vez que o trabalhador e não a máquina, produz a mais-valia? Não.

Mas, propõe-se diminuir o número de trabalhadores⁴ e aumentar a quantidade de máquinas, de preferência mais sofisticadas, para aumentar a produção e diminuir a força de trabalho. De fato, “[...] é impulso imanente e tendência constante do capital elevar a força produtiva do trabalho para baratear a mercadoria e, como consequência, o próprio trabalhador.” (MARX, 2006, p. 370).

Com o aumento da composição orgânica tem-se uma queda na taxa de lucros. Colleti (1970) afirma que o aumento da taxa de mais-valia e a queda da taxa de lucro, de certa forma, são apenas formas especiais em que se expressa no capitalismo, uma produtividade crescente do trabalho.

Vamos tentar entender a afirmação descrita acima. Tomaremos como referência o esquema apresentado por Carcanholo (1982), tendo como exemplo, diferentes empresas de um mesmo setor com composição orgânica que atuam num sistema de mercado sem a presença de monopólios e/ou oligopólios. Veremos como se chega ao preço de produção⁵ e ao movimento da transferência de valores.

Empresa	c	v	m	w	g'	ğ'	ğ	pp
I	300	100	100	500	25%	35%	140.0	540
II	120	80	80	280	40%	35%	70.0	270
III	100	100	100	300	5%	35%	70.0	270
Total	520	280	280	1080	35%	35%	280.0	1080

Sendo⁶:

g' = taxa de lucro

w = capital

c = Capital constante

v = Capital variável

ğ' = Tx. Média de lucro

pp = Preço de produção ou valor apropriado

⁴ Nesse caso, lembramos também que os desempregados pressionarão, pela demanda da oferta e da procura, o barateamento nos salários dos que estão empregados, diminuindo o valor da sua força de trabalho.

⁵ “[...] o preço de produção de uma mercadoria é o valor apropriável na sua venda, que garante ao seu produtor a obtenção do lucro médio, isto é, que garante a uniformidade da taxa de lucro” (CARCANHOLO, 2001, p. 5).

⁶ Taxa de lucro (g') = divide-se a mais valia pela soma do capital constante e o capital variável

$$\text{taxa de lucro} = \frac{m}{c+v}$$

Taxa média de lucro (ğ') = corresponde a taxa de lucro total.

Lucro médio (ğ) = resultado da operação: taxa média de lucro (ğ') x (c+v).

Preço de produção (pp) = resultado da operação: lucro médio (ğ) + (c+v).

\check{g} = Lucro médio

m = Mais-valia

Interessante observar que o capital total (w_t) é igual ao preço de produção (pp)⁷, isto é, 1.080, da mesma forma a mais-valia (m) é igual ao lucro médio (\check{g}), ou seja, 280 (m) = 280 (\check{g}). Entre outras coisas, podemos inferir que a empresa I, tendo a composição orgânica maior que a empresa II, tem como preço de produção (pp) de uma determinada mercadoria o valor de 540, ou seja, 40 acima do capital, que era de 500. Por outro lado, a empresa II teve o preço de produção (pp) menor (270) do que o seu capital inicial (280). Nesta circulação do mercado, a empresa I apropriou-se daquilo que a empresa II perdeu (-10). Da mesma forma, a empresa III teve como preço de produção (pp) 270, diante de um capital inicial de 300 (uma perda de -30, transferida para a empresa I).

A partir do exposto, podemos evidenciar que

[...] explicar teoricamente as divergências entre a produção e a apropriação da mais-valia significa esclarecer um dos aspectos decisivos da mistificação da origem da mais-valia. E Marx começa esse trabalho pela transformação dos valores em preços de produção

[...]

De maneira simplificada e numa primeira aproximação, podemos dizer que preço de produção de uma mercadoria é o valor apropriável na sua venda, que garante ao seu produtor a obtenção do lucro médio, isto é, que garante a uniformidade da taxa de lucro (CARCANHOLO, 2001, p. 5).

Como abordamos acima, não nos interessa analisar o mercado com a presença de monopólios nem aprofundar na discussão do preço de produção e sua relação com o preço de mercado⁸. Para o que nos interessa no momento, basta considerar que no preço de produção a mais-valia produzida é redistribuída não pelo que se produziu, mas na capacidade de consumo de cada empresa. E o que é mais

⁷ “O preço de produção e o valor do produzido pelo capital total são idênticos. Essa é a razão da suposição de Marx de que os preços correspondem ou estão determinados diretamente pelos valores.” (CARCANHOLO, 1982, p. 07).

⁸ Dizemos que o preço de mercado é a manifestação fenomênica do valor, ou seja, o valor de troca. A sua correspondência ao preço de produção quer dizer que houve transferência (devido a composição orgânica).

importante, a mais-valia não é fruto de investimento do capital, mas, ao contrário, é consequência da exploração do trabalhador.

Como evidencia Carcanholo (1982, p. 24),

[...] Marx, ao contrário dos neoclássicos, não tem como sua preocupação fundamental a determinação dos preços, mas que está interessado em descobrir e expor as leis que presidem o funcionamento e desenvolvimento do regime capitalista de produção. Para isso deve explicar a origem da mais valia e, portanto, do capital, assim como a maneira através da qual os capitais repartem entre si essa mais-valia. Assim, surge a categoria de preço de produção e sua relação com os preços de mercado.

2 A COMPREENSÃO DE VALOR ESTUDADA POR CARCANHOLO E A ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA POLÍTICA SOCIAL

A parcela da população pobre despossuída de trabalho assalariado não faz parte do quadro de trabalhadores explorados pela sociedade capitalista, às vezes, por não ter qualificação exigida pelo mercado ou por ser substituída (em parte) pelas máquinas com o advento das novas tecnologias.

O que descrevemos acima, de certa maneira, retrata um pensamento conservador. No processo de inclusão ou formas de incluir os indivíduos no mundo do trabalho, o pensamento conservador atende apenas ao processo de consumo, reproduzindo o processo de exploração e, por consequência, a mais-valia. Nesse sentido, desfaz-se de qualquer crítica ao modelo econômico, isentando-o das contradições sociais e do agravamento da situação de pobreza.

A fim de conter as consequências danosas do modelo econômico presente no pensamento conservador, a alternativa para muitos países tem sido a implementação de políticas sociais compensatórias. Na política compensatória, vê-se um governo percorrendo uma lógica de dirigir ações minimalistas aos mais pobres e miseráveis. Os programas compensatórios inseridos numa lógica liberal e num programa político conservador são próprios dessa nova fase do capitalismo: a hegemonia do capital financeiro.

Com efeito, os profissionais da Política Social tendo como bandeira de luta a crítica aos modelos político-econômicos que fomentam o desemprego, as desigualdades sociais e as variadas formas de exploração do trabalhador, têm que

tomar consciência que esses problemas sociais — entre tantos outros —, são consequências do sistema a que tanto nos referimos.

Com efeito, essa luta tem como propósito tornar presente no seio da sociedade a universalidade de acesso aos bens e serviços, o exercício da cidadania. Por certo, as dificuldades são inúmeras, uma vez que,

[...] a *política social* nas sociedades capitalistas, longe de ser uma instância neutra voltada ao bem-estar e à igualdade social, é um *campo de intensas contradições e conflitos de interesses*, marcado pela permanente tensão entre interesses públicos e privados, entre as lutas por direitos coletivos e o uso instrumental do Estado a favor de uma ordem econômica que produz e reproduz continuamente as desigualdades sociais e a pobreza (ALGEBAILLE, 2005, p. 74, grifo nosso).

Nesse sentido, Behring e Boschetti (2007, p. 39), evidenciam que “[...] as políticas sociais não podem ser analisadas somente a partir de sua expressão imediata como fato social isolado. Ao contrário, devem ser situadas como expressão contraditória da realidade, que é a unidade dialética do fenômeno e da essência.”

Ter essa percepção é um esforço de compreensão da totalidade.⁹ Daí um pensar dialético e, como tal, “[...] para compreender a dialética é preciso pensar dialeticamente [...]” (PRADO JÚNIOR, 1955, p. 9). Isso significa que no movimento das contradições da sociedade capitalista, as transformações das relações sociais podem se manifestar¹⁰.

De tal maneira, pode-se perceber nesse olhar dialético, tanto a exploração a que são submetidos os trabalhadores (o valor da força de trabalho não compatível com o seu salário), bem como a alienação em que as relações humanas são substituídas por relações entre “coisas”. As relações pessoais, ignorando os princípios de solidariedade,¹¹ são transformadas em relações mercantis. De certo

⁹ “[...] todo fenômeno social analisado, e aqui se inserem as políticas sociais como processos inscritos na sociedade burguesa, deve ser compreendido em sua múltipla causalidade, bem como em sua múltipla funcionalidade no âmbito da totalidade concreta, como princípio estruturante da realidade [...]” (BEHRING; BOSCHETTI, 2007, p. 40).

¹⁰ Segundo Prado Júnior (1955, p. 9), tanto quanto a metafísica, a dialética “[...] é um método de pensamento e conhecimento [...]”, entretanto, enquanto a metafísica pressupõe fatores externos que influenciam ou condicionam o movimento, a dialética parte de sua própria contradição.

¹¹ Entendemos, aqui, “solidariedade” como aproximação ao outro, ajudá-lo. Portanto, não queremos remeter esse termo à ideia de “solidariedade” — o “carro-chefe” da “participação solidária” (ALMEIDA, 2006; LEITE, 2009) — na qual concretiza-se no trabalho voluntário e na “responsabilidade social”, tanto de indivíduos como de empresas. Ao longo dos anos 1990, a ideia de solidariedade constituiu um ponto central na política social em nosso país. Trata-se de um momento em que se formula o projeto da já referida “reforma do Estado”, na qual estava embutido

modo, esse é um olhar que a simples aparência não revela as contradições — pela luta de classes —, e as inquietações humanas — pelo fato do homem não se reconhecer mais no produto do seu trabalho.¹²

Por certo, o olhar dialético desperta-nos para a compreensão da realidade tal como ela se manifesta: a *aparência*, nas suas variadas manifestações e, por outro lado, pelo movimento propulsor dessa manifestação, que embora não visto pelos órgãos dos sentidos, é — com certo grau de raciocínio —, compreendido ou pelo menos, levado a pensar.

O profissional da Política Social munido da compreensão dialética da realidade pode, até certa medida, ver com clareza os objetivos do Capital, bem como entender seu movimento cíclico. De certo modo, esse movimento cíclico é acompanhado por crises, as chamadas “crises cíclicas do capital”. Entretanto, quando a crise ocorre no epicentro do capital,¹³ provoca uma turbulência em grandes proporções na economia mundial.¹⁴ Nesse caso, os países (tanto de centro como os periféricos) adotam medidas no intuito de restringir o alcance destruidor da crise através de políticas econômicas que salvem o “capital” e não a população, principalmente os mais vulneráveis.

Por fim, podemos retornar à ideia de Marx (2006, p. 214, grifo nosso), que afirmava:

[...] o que distingue as diferentes épocas econômicas não é o que se faz, mas como, com que meios de trabalho se faz. Os meios de trabalho servem para medir o desenvolvimento da força humana de trabalho e, além disso, *indicam as condições sociais* em que se realiza o trabalho [...].

Ainda sob esse aspecto, Carcanholo (1993, p. 10) nos lembra que

um “esvaziamento da legitimidade dos direitos regulamentados pelo Estado”, com a *desvalorização das políticas sociais estatais*, tidas como “assistencialistas” (ALMEIDA, 2006).

¹² Segundo Paula (2001, p. 48) “[...] a intervenção capaz de desvelar a aparência e de superar a sua alienação, é a práxis.”

¹³ Lembramos, aqui, da crise que ocorrera em 1929 e, mais atualmente, nos anos 2008. Mauriel (2008, p. 161), por sua vez, destaca que no início da década de 1980, com a recessão norte-americana e mundial, a quebra do mercado de eurodólares e a crise da dívida externa, atingiram não só a periferia capitalista, mas também a socialista, com dificuldades cada vez maiores enfrentadas pelos Estados capitalistas centrais para retomar uma trajetória estável de crescimento econômico.

¹⁴ “Em 2010, o último ano para o qual houve dados disponíveis, 8,2% dos trabalhadores nos 17 países da União Européia que utilizam o euro como moeda estavam vivendo no limite da pobreza, ganhando uma média de 10.24 euros, ou cerca de US\$ 13.500 por ano - este índice é válido para trabalhadores adultos solteiros.” (ALDERMAN, 2012, online).

A relação de dependência e subordinação à coisa é cada vez mais profunda, na medida em que as relações mercantis desenvolvem-se e passam da simples mercadoria até chegar ao capital e à mercadoria capital, como a conhecemos hoje. O capital transforma-se, então, no fetiche-deus capital. E os homens convertem-se em seus escravos.

Como agentes ativos na transformação da sociedade, os profissionais da política social são sujeitos que podem e devem desempenhar um papel essencial na mudança da ordem social vigente. Para isso, terão que agir dialeticamente na definição de estratégias que conduzam os trabalhadores a uma nova postura frente à exploração e alienação capitalista. Dessa forma, os profissionais poderão contribuir determinadamente para reverter as estruturas de poder que suportam os processos de acumulação capitalista, possibilitando à classe trabalhadora ser protagonista de sua história e consciente de sua ação transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capitalismo a tendência é a aparência “esconder” a essência. Por isso, apesar do efeito catastrófico da crise (catastrófico, pois os mais pobres são os maiores prejudicados), percebe-se que a crise tem um acompanhamento pedagógico de provocar mudanças. Precisa-se, nesse sentido, que os trabalhadores e suas lideranças tenham um projeto a fim de que, no período de crise, possam reconstruir a consistência teórica e ideológica de suas bases.

É óbvio que as crises financeiras têm como consequência não somente a redução do lucro fictício — diminuindo o volume do capital especulativo e a intensidade da contradição produção/apropriação, tal como exemplificamos anteriormente —, como também, tem como consequência a diminuição de capital substantivo. Não é difícil, aqui, perceber, quais serão os mais afetados e os que receberão os primeiros impactos da crise.

A crise não é defeito do sistema, mas “remédio” uma vez que pretende destruir o capital fictício e restaurar condições de funcionamento do capital. Lembramos, aqui, que o capital fictício é um capital ilusório passado a outros por títulos. No ponto de vista da totalidade o capital fictício é “real” (apropria da mais-valia) e fictício (não tem substância real, é pura especulação) ao mesmo tempo. Quando excede os limites, há colapso, pois apropria mais-valia e não produz.

O marxismo é ao mesmo tempo uma filosofia (com uma concepção de mundo), uma teoria (com pretensões científicas) e uma prática política (com uma organização e mobilização social a fim de transformar e construir uma nova ordem social), tendo na dimensão crítica a sua centralidade (PAULA, 2001). Com isso, vimos que os profissionais da Política Social devem ir além dos propósitos positivistas marcantes da sociedade em que vivemos, no sentido de desvendar e denunciar a lógica nela inserida e, por certo, dominante, na manifestação do real. Voltamos a insistir que a aparência é real, ou melhor, faz parte enquanto exposição, da manifestação do real. O que não podemos esquecer é o movimento que conduz esta manifestação, isto é, a essência.

Na sociedade capitalista, a aparência não é resultado de um erro ou um mero engano do observador. Mas trata-se de uma das duas dimensões da realidade, tão real quanto a sua dimensão oposta, a essência. O erro está na crença de que a realidade tem uma só dimensão, justamente a dimensão que vemos e somos capazes de interagir (sentidos). Da mesma forma, há outro equívoco, o fundamentalismo, que acredita que só a essência é verdadeira (CARCANHOLO, 2001).

[...] o empresário, o próprio trabalhador e até os economistas têm razão em acreditar que o lucro não tem origem na exploração. Eles, pensando assim, não são vítimas de um erro de interpretação; a aparência os obriga a pensar dessa maneira; ela é uma das dimensões da realidade e tão real quanto a essência, só que capaz de impedir, como dissemos, uma interpretação adequada da conexão íntima do real. Eles não são capazes, facilmente, de observar a realidade de um ponto de vista global, que é o único que permite a visão da essência; eles estão prisioneiros, em grande medida, do ponto de vista do ato individual e isolado (ou pelo menos parcial); eles são prisioneiros da aparência; ou melhor, da unidimensionalidade do real (CARCANHOLO, 2001, p. 7).

Os propósitos de desmistificação do capital à luz do pensamento de Marx representam uma ferramenta importante para a tomada de consciência, a fim de posicionarmos contrário a esse sistema que traz mais miséria e pobreza para uma grande parte da população, não apenas dos países periféricos, mas também dos países centrais.

Assim, a posição de Carcanholo, retomando à luz de Marx o olhar dialético enquanto compreensão da realidade (ou seja, no movimento da própria

contradição do real que se manifesta no interior da luta de classes) é, claramente, um passo à frente em relação à crítica capitalista.

Por fim, vale destacar que re-pensar a teoria marxista e colocá-la em prática exige sempre uma postura radical. Por que postura radical? Porque, entre outras coisas, exige um rompimento dos valores implantados pelo sistema capitalista, isto é, do consumismo, da acumulação, da exploração, do supérfluo e principalmente, do individualismo. Essa radicalidade é uma rebeldia, não no sentido pejorativo usado, por exemplo, como irresponsabilidade, mas como uma manifestação da liberdade humana em viver em uma sociedade mais justa e igualitária, onde as relações humanas são marcadas, não mais como relações mercantis, mas pelo respeito e pela solidariedade.

REFERÊNCIAS

ALDERMAN, Liz Número de pobres aumenta drasticamente na Europa. **The New York Times**, New York, 2012 apr. 5. Disponível em:

<<http://economia.ig.com.br/criseeconomica/numero-de-pobres-aumenta-drasticamente-na-europa/n1597732099785.html>>. Acesso em: 5 abr. 2012.

ALGEBAILLE, Eveline Bertino. As ações da sociedade civil e o Estado diante da pobreza. In: VALLA, Victor Vincent; STOTZ, Eduardo Navarro; ALGEBAILLE, Eveline Bertino (Org.). **Para compreender a pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

ALMEIDA, Carla. O marco discursivo da “participação solidária” e a nova agenda de formulação e implementação de ações sociais no Brasil. In: DAGNINO, Evelina; OLVERA, Alberto José; PANFICHI, Aldo (Org.). **A disputa pela construção democrática na América Latina**. São Paulo: Paz e Terra; Campinas: Ed. Unicamp, 2006.

BEHRING; Elaine Rosseti; BOSCHETTI, Ivanete. **Política social: fundamentos e história**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CARCANHOLO, Reinaldo A. **Dialéctica de la mercancía y teoría del valor**. San José: EDUCA, 1982.

_____. **A dialética da mercadoria: guia de leitura**. Vitória, 1993. (Cadernos da ANGE. Textos didáticos, n. 4). Disponível em: <<http://coptec.org.br/biblioteca/Outros/Artigos/Dialetica%20da%20Mercadoria%20-%20Reinaldo%20Carcanholo.pdf>>.

_____. As várias dimensões da dissimulação da origem da mais-valia In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 6., SIMPÓSIO LATINO-

AMERICANO DE ECONOMISTAS POLÍTICOS, 1., 2001, São Paulo. **Anais....** São Paulo: SEP, 2001.

CARCANHOLO, Reinaldo A. O trabalho produtivo na teoria marxista. In: COLÓQUIO MARX E ENGELS, 5., 2007, Campinas. **Anais....** Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

LEITE, Izildo Corrêa. **Contemporaneidade**: pobreza, cidadanias desiguais e os novos desafios da política social. In: WORKSHOP INTERNACIONAL: Particularismo y universalismo en las políticas sociales: el caso de la educación, 1., 2009, Buenos Aires. **Anales....** Buenos Aires: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2009. (mimeo.).

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. 23. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. L. 1. v. 1.

MAURIEL, Ana Paula Ornellas. **Combate à pobreza e desenvolvimento humano**: impasses teóricos na construção da política social na atualidade. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PAULA, João Antônio de. O marxismo como pensamento crítico. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 9, p. 24-52, dez. 2001.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Dialética do conhecimento**. São Paulo: Brasiliense, 1955.